

A cultura do trabalho e a problematização da inserção indígena no imaginário social catarinense

Camila Nascimento Azevedo
camilanazevedo@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo pretende analisar, através das relações estabelecidas com os Xokleng no vale do Itajaí, como a cultura do trabalho difundida em Santa Catarina - aliada à utilização política do imaginário construído - provocou o afastamento da figura indígena na formação da identidade social catarinense. São analisadas algumas situações de confronto entre imigrantes e indígenas, onde a intenção de assimilação da cultura imigrante aparece com clareza num processo que induz a desvalorização da cultura nativa. São consideradas noções de pertencimento, identidade e os diferentes contextos e momentos históricos em que o discurso de positividade do trabalho é utilizado no Brasil. Os discursos e o imaginário são reconhecidos neste trabalho como produtos sociais e históricos e, como instrumentos de poder, que influenciaram a construção da história do estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Xokleng; imigrantes; cultura; trabalho.

Abstract: This article aims to analyze, through established relationships with the Xokleng Indians in the valley of Itajaí, how the working culture was diffused in Santa Catarina - coupled with the political use of the constructed imaginary - caused the exclusion of the indigenous figure in the building of a social identity of Santa Catarina state. It analyzes some situations of confrontation between immigrants and natives, where the intention of assimilation of immigrant culture appears clearly in a process that induces the devaluation of indigenous culture. Notions of belonging and identity are considered, as well as the different contexts and historical moments in which the discourse of labor positivization was used in Brazil. The discourses and the imaginary in this paper are recognized as social and historical products, and as instruments of power that influenced the construction of Santa Catarina.

Keywords: Xokleng; immigrants; culture; work.

Working culture and a questioning of indigenous presence in Santa Catarina's social imaginary

“Por um longo tempo, interpretações presentes na historiografia catarinense operam uma espécie de invisibilização social dos indígenas (e outros grupos) no intuito de forjar a pretensa imagem de uma “Santa Catarina européia”¹.

Introdução

Quando situados em terras brasileiras, açorianos, alemães e italianos embrenham-se por uma sistemática construção identitária com o intuito de estabelecer características culturais que sejam comuns entre filhos de uma mesma nação. A construção de uma identidade comum para os povos europeus se desenrola por um longo período de tempo, independentemente da demarcação de fronteiras. Vamos nos ater em especial ao caso alemão que estabelece complexas relações e discursos identitários, de caráter fundamentalmente nacionalista, antes mesmo da unificação da Alemanha. A formação de um forte sentimento nacional que criava uma “identidade comum” entre a população alemã remonta “de um antagonismo em relação à França, que sob o comando de Napoleão Bonaparte invade alguns estados germânicos”².

As invasões napoleônicas e as conseqüentes destruições colocaram em xeque a validade do racionalismo iluminista. Segundo alguns ideólogos do nacionalismo, o culto ao cientificismo, ao invés de levar o progresso, havia desembocado em guerras e destruição. Essa é uma das razões para terem procurado suas raízes na Idade Média, com vistas a construir uma identidade nacional. Essa nostalgia criada em torno da Idade Média oferecia um alento às inseguranças e aos problemas do culto do cientificismo, que teria culminado com a guerra.³

É nesse contexto de busca por novas concepções que a crença na superioridade do trabalho alemão passa a conectar sentimentos de pertencimento, que são usados mais tarde para diferenciar os alemães diante da diversidade étnica encontrada em território brasileiro.

Dentro dos diferentes grupos de europeus existentes no sul do país, há diferentes interpretações que inserem suas atividades em um contexto de positivização, onde a “cultura do trabalho” é utilizada para construção de Santa Catarina como um estado europeizado. Não é

¹ AREND, Silvia Maria Fávero. In: Wittmann, 2007.

² Muito mais do que sob a manutenção efetiva de fronteiras territoriais o sentimento de ser alemão é embasado na utilização de praticas ditas tradicionais e da utilização de um mesmo idioma. (FROTSCHER, 2000, p.193)

³ Idem.



difícil perceber que tais discursos não contemplam a lógica existente no trabalho indígena, excluindo-os assim do imaginário sociocultural catarinense.

Breves considerações sobre a “Cultura do Trabalho” e o Estado de Santa Catarina

O século XIX é marcado por uma nova concepção de civilização e progresso que estimula o fluxo imigratório para o Brasil. Com o término da ordem escravocrata uma nova lógica social é instaurada, exigindo a reformulação da idéia de trabalho que aqui concebíamos. É exatamente nesse ponto que se inicia o caminho da positividade do trabalho no Brasil. O que antes era denominado como “aviltante e degradante” passa a ser digno e honroso.⁴

Da mesma forma que forças políticas utilizaram uma visão positiva do trabalho para atrair imigrantes, a reconstrução de Blumenau pós-enchentes de 1983 e 1984 se iniciou com base no vigor do discurso que legitima o imaginário de superioridade germânica. Blumenau é apontada como “cidade do trabalhador, herdeiro das qualidades dos imigrantes alemães.”

A prefeitura conclamou a população à reconstrução, através do projeto *Nova Blumenau: um compromisso de todos*, formado por 12 comissões de reconstrução. Esse projeto instituiu o ano de 1983 como um *ano fatídico*, inaugurador de uma nova era, de uma nova Blumenau. Em sua justificativa, evoca o pioneirismo e os esforços dos primeiros imigrantes para instigar a solidariedade social e a recuperação da cidade: “*nossos antepassados construíram esta terra, desbravaram matas e enfrentaram selvagens para nos legar Blumenau, que é fruto de muito suor e lágrimas, muita luta e sangue*”. A reconstrução da cidade aparecia como uma necessidade, uma questão de “*honra àquele punhado de bravos imigrantes*.”⁵

Os discursos e o imaginário são produtos sociais e históricos e, como instrumentos de poder, influenciam na construção da história. Portanto, coloquemos também em pauta algumas falas e ações que, obedecendo a um projeto de nacionalização, agora brasileiro, se preocupava em abraçar os descendentes que aqui se encontravam:

(...) todos os que aqui se educam, que aqui vivem suas vidas, são brasileiros. E ser brasileiro, principalmente para as primeiras gerações que aqui nascem, não significa dizer esquecer por completo a língua, os costumes, as tradições de origem dos antepassados e que seria um absurdo exigir-se. Mas também não

⁴ Ibidem, p. 192.

⁵ Ibidem, p. 188-189.



quer dizer conservá-los intactos e únicos, não é fatalmente brasileiro de sentimento aquele que só conhece a língua de seus pais, de seus avós, que só vive dentro dos costumes dos seus antepassados, que espiritualmente só vive em contato com as cousas do país de sua origem, e que portanto não conhece o país do qual é filho, não lhe conhece a história, não lhe conhece os anseios, as aspirações, finalmente não vive espiritualmente dentro dele (...)⁶

Já em 1880, Antonio de Almeida Oliveira – presidente da província de Santa Catarina – demonstra uma determinada insatisfação diante da não utilização do idioma brasileiro por parte das colônias de imigrantes. Percebe-se aqui o desejo das autoridades em iniciar a construção de um sentimento nacional, inserindo nessa ordem o imigrante que aqui permanece. Tais discursos nacionalistas vão ficando “cada vez mais incisivos a partir da proclamação da república em 1889 e em especial diante do contexto internacional que levou a eclosão da I e II Grande Guerra”⁷.

Nos anos de 1937 a 1945, que compreendem a atuação do Estado Novo, as ações que constroem uma brasilidade pertencente à noção unificada e homogênea de Brasil são postas em prática de forma mais veemente, inculcando a cultura do trabalho num âmbito de veras nacional.

(...) ser brasileiro é amar o Brasil. É ter o sentimento que lhes permite dizer: “O Brasil nos deu pão, mas nós lhe daremos sangue”. É ter o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo affecto, pelo desejo de concorrer para a realização dessa grande obra, na qual todos somos chamados a colaborar, porque só assim poderemos contribuir para a marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria”⁸.

Neste novo enredo “tipicamente brasileiro”, a brasilidade de Santa Catarina ganha fôlego na figura do imigrante açoriano, que encontra na historiografia as tramas de um tear que tece sua imagem “como aquele que..., deu seu sangue, sua vida, sua bravura”⁹ na construção de uma nova vida. Viveu o açoriano “oprimido de trabalho nas obras públicas da Igreja Matriz do Desterro, da fortaleza, no corte da madeira e sua condução”, enfrentando, ainda, “a improdutividade da terra” que o obrigou a substituir o cultivo do trigo pelo da mandioca “quase sempre confiscada para abastecer as tropas que aqui se aquartelavam”.¹⁰ A “invenção da

⁶ Pronunciamento de Aristides Lages ao jornal Anauê, Joinville, 11, 18 e 25 de agosto de 1934. In: FALCÃO, 2005, p. 64.

⁷ Ibidem, p.62,63.

⁸ Discurso proferido por Getúlio Vargas. **Cidade de Blumenau**, 16/03/1940, p. 01. In: FROTSCHEER, 2000, p. 197.

⁹ FROTSCHEER, 2000, p. 133.

¹⁰ Ibidem, p. 131.



açorianidade” encontra seus fundamentos na difusão de uma figura que constrói sua vida sob infortúnios e vence com de luta e trabalho.

Os Xokleng e o trabalho

Visualizado a partir de uma perspectiva que constrói sua positividade, o trabalho deveria ser também um dos instrumentos utilizados na pacificação dos Xokleng: “a intenção era transformá-los em trabalhadores disciplinados”¹¹. “Paraíso dos trabalhadores, inferno dos vadios”; era esta a inscrição presente em uma placa na entrada do posto indígena Duque de Caxias (PIDC)¹².

Em seus relatórios, Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, um dos protagonistas no processo de pacificação em Santa Catarina, demonstrou sua preocupação com relação a forma com que os índios encaravam o trabalho. Um dos objetivos a serem alcançados pelo PIDC era a auto-sustentabilidade do posto indígena através do cultivo de cana e de feijão, contemplando ainda a criação de animais. Para isso, era indiscutivelmente necessária a ajuda dos índios nos trabalhos diários no posto. Porém, ao analisarmos algumas situações vividas no PIDC, podemos verificar como as participações dos índios nos trabalhos propostos respeitavam códigos diferenciados daqueles impostos pelos encarregados.

Em dias frios os Xokleng permaneciam em volta de suas fogueiras, só ajudando quando desejavam algo em troca.¹³ De acordo com Hoerhann, o mês de janeiro do ano de 1921 transcorreu como “uma espécie de férias para os índios que não tomaram parte em nenhum dos trabalhos do posto.”¹⁴ Os Xokleng tinham também por hábito “cortar cana, sem autorização, durante a noite”. Enquanto para Hoerhann o cultivo da cana se destina à fabricação de melado e açúcar, para os índios tal processo não fazia sentido devido às perdas ocasionadas pelas geadas e maturação excessiva da plantação.¹⁵

¹¹ WITTMANN, 2007, p. 164.

¹² “O referido Posto hoje chamado Terra Indígena Ibirama, fica situado na região do Alto Vale do Rio Itajaí, entre os municípios de José Boiteux e Vítor Meireles”. AREND, Sílvia Maria Fávero. In: *Ibidem*, p. 238.

¹³ *Ibidem*, p. 17.

¹⁴ *Ibidem*, p. 169.

¹⁵ *Ibidem*, p. 173-174.



Muitas das atitudes dos índios no aldeamento foram instigadas pelas perdas de mantimentos e objetos. Eles não tinham a lógica da lavoura que demanda planejamento, sedentarismo, sistematicidade de longa espera: ¹⁶

No mês de fevereiro de 1921, o encarregado se surpreendeu com alguns índios que realizaram determinada atividade pela primeira vez, colaborando de forma eficiente na plantação de feijão (...) Na colheita de milho, eles deram uma pequena ajuda, mas preferiram (...) auxiliar principalmente no transporte do alimento.

Os relatórios também discorrem sobre a ajuda eminente dos Xokleng na construção de um curral que exigia a derrubada de madeira em mata virgem. É fácil perceber que os trabalhos mais agradáveis para os indígenas eram aqueles que exigiam um tempo de permanência na floresta.

A nova atitude indígena perante o trabalho era comemorada como um sucesso na tentativa de inserção desses povos na lógica social instituída. Porém “o que para Hoerhann representava uma rendição à ética do trabalho, para os índios era uma atividade culturalmente aceita, de acordo com os códigos próprios de seu povo.” ¹⁷

Após a morte de um respeitado cacique “em outubro de 1922 os índios interromperam seus trabalhos”, dedicando dias a fio aos preparativos de seu funeral. Os Xokleng enrolavam o corpo de seus mortos em tecidos e colocavam-no sobre uma grande fogueira, as cinzas eram postas dentro de balaios “feitos com toda a perfeição, forrados internamente e finalmente enterrados em covas rasas. Em seguida constroem sobre elas pequenos ranchos”. O lamento dos Xokleng durava dias. José Maria de Paula, inspetor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), relata que: “Os botocudos por essas ocasiões são tomados de profunda tristeza, tornando-se taciturnos e indiferentes a tudo, entregues só a sua grande dor, guardando, durante dias consecutivos, jejum absoluto (...). Para Hoerhann, no entanto eram dias de prejuízo” ¹⁸ O encarregado que por vezes mostrara-se insatisfeito com a postura adotada pelos Xokleng diz que é impossível força-los quando estes mostram-se indispostos. ¹⁹

Para se protegerem do frio os Xokleng “recolhiam madeira sem permissão.” Destruíam cercas e construções feitas por eles próprios, com a finalidade de manterem acessas suas

¹⁶ Ibidem, p. 179.

¹⁷ Ibidem, p. 172.

¹⁸ Ibidem, p. 173.

¹⁹ Ibidem, p. 169.



fogueiras. Animais também eram mortos para consumo dentro do período determinado pelos funcionários para a engorda; “as restrições para com os alimentos não faziam sentido para os índios.”²⁰

Considerações Finais

A cultura Xokleng era nômade, seu povo estava habituado a percorrer grandes distâncias em busca de alimento. Seus deslocamentos e fixações obedeciam aos recursos oferecidos pela região em determinadas épocas do ano.²¹

As noções de trabalho e limites operadas pelos colaboradores do SPI não respeitavam as relações que os Xokleng mantinham com o espaço ao qual estavam habituados. Os códigos que coordenavam as regras de convivência entre indígenas e europeus não eram os mesmo para ambos os lados.

A dificuldade em perceber o povo Xokleng como portadores de uma cultura própria e agentes históricos fez com que o indígena só fosse aceito e incluído no imaginário social vigente mediante uma condição de “futuro não-índio”. O próprio princípio legislador que guiava a política indigenista no Brasil pregava:

O respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de ser eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazer-lo: aquele que aprenderam de seus antepassados e só lentamente podia mudar.²²

Ou seja, o respeito aos modos de vida indígenas estava inserido dentro de um quadro que almejava mudanças. Obviamente sabemos que, de qualquer forma, os costumes Xokleng não permaneceriam intactos, da mesma maneira como as tradições que os europeus aqui davam continuidade sofreram alterações. Porém, apesar do discurso historiográfico catarinense por muito tempo ter difundido as raízes européias como responsáveis pelos frutos culturais sulistas, são das discrepâncias provocadas pelos embates culturais travados no estado que emergem os remanescentes responsáveis pela construção sócio-cultural de Santa Catarina.

²⁰ Ibidem, p. 181.

²¹ Idem, p. 187

²² RIBEIRO, 2000, p. 158.



Referências Bibliográficas

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: Identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (orgs). *Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

FALCÃO, Luiz Felipe. Brasileiros e italianos: reflexões sobre a instituição de uma identidade italiana no Brasil Contemporâneo. In: RADIN, José Carlos. *Cultura e identidade no Brasil*. Joaçaba: Unoesc, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

Recebido em 5 de abril de 2009.

Aceito para publicação em 19 de agosto de 2010.

